

VINTE E CINCO ANOS DE GEOGRAFIA EM  
SÃO PAULO (1934-1959)

TWENTY FIVE YEARS OF GEOGRAPHY IN SÃO  
PAULO (1934-1959)

Aziz Nacib Ab'Sáber<sup>1</sup>

Dois acontecimentos de mais alta importância para o desenvolvimento da Geografia, no Brasil marcaram o ano de 1934: a instalação da Universidade de São Paulo e, com ela, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; e a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Decorridos 25 anos, justo é que se faça um balanço da obra realizada, direta ou indiretamente, por essas entidades, no campo geográfico. Esse, exatamente, é o objetivo do presente trabalho, de autoria do Prof. Dr. AZIZ NACIB AB´SÁBER, sócio efetivo da AGB, professor de Geografia em várias Faculdades de Filosofia de nosso Estado e, atualmente, contratado pela Faculdade de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul.

---

<sup>1</sup> Artigo publicado no Boletim Paulista de Geografia nº 34, em março de 1960.

## Inventários bibliográficos

Graças à existência de uma série de bons inventários bibliográficos, sistemáticos e analíticos, é hoje relativamente fácil, para qualquer pessoa, acompanhar os traços essenciais da evolução dos estudos geográficos em São Paulo, no decorrer dos últimos vinte e cinco anos.

Na realidade, quem quiser se por a par dos acontecimentos marcantes e dos progressos mais palpáveis que deram vida à Geografia paulista, após 1934, bastará recorrer apenas a um seleto grupo de ensaios de historiografia científica e a determinadas listas bibliográficas, onde se encontram arroladas as obras, as monografias e os artigos que melhor representam a produção científica desse último quarto de século.

Essa bibliografia auxiliar e documentária sobre os progressos recentes da Geografia em São Paulo se iniciou com a publicação de um arguto ensaio de PIERRE MONBEIG, intitulado Geografia, inserto no Manual Bibliográfico de Estudos Brasileiros (1949), simpósio em boa hora organizado por RUBENS BORBA DE MORAES e WILLIAM BERRIEN. Mais tarde, AROLDO DE AZEVEDO, com sua habitual meticulosidade e sobriedade, preparou para a edição comemorativa de “O Estado de S. Paulo” de 25 de janeiro de 1954, um esclarecido estudo sobre A Geografia em São Paulo e sua evolução, acompanhado da bibliografia geográfica paulista acumulada entre 1934 e 1955, e onde se faz justas referências ao papel da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo no desenvolvimento das ciências geográficas, em território paulista.

Pouco depois, em 1955, no grande inventário sobre As ciências no Brasil, organizado por FERNANDO DE AZEVEDO, veio a lume uma alentada monografia do professor e geógrafo fluminense JOSÉ VERÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, à respeito d' A Geografia no Brasil, onde também se faz justiça à grande obra

pioneira da Universidade de São Paulo no setor das ciências geográficas. Nesse sentido aliás, não houve nenhuma discrepância entre as considerações históricas do geógrafo paulista AROLDO DE AZEVEDO e do professor fluminense JOSÉ VERÍSSIMO, tendo ambos salientado, com objetividade, debaixo dos mesmos termos e das mesmas perspectivas, o verdadeiro significado da Universidade de São Paulo e, em particular, de sua Faculdade de Filosofia, para a inauguração do ensino e da pesquisa da geografia científica no Brasil. Ainda em 1955, LUIS MELO RODRIGUES, em trabalho intitulado *Duas décadas a serviço da Geografia*, salientou o papel da Faculdade de Filosofia e da Associação dos Geógrafos Brasileiros no desenvolvimento da Geografia paulista e brasileira, relacionando na bibliografia a lista completa das colaborações saídas em publicações filiadas àquela grande entidade geográfica brasileira. Pela análise da referida bibliografia tem-se uma idéia da importância real da contribuição dos geógrafos paulistas. Mais tarde, em 1957, foi publicado um documento da maior importância para a bibliografia dos estudos paulistas, ou seja o *Manual Bibliográfico da Geografia Paulista*, inventário de grande fôlego, organizado pela Comissão de Geografia Regional do Conselho Nacional de Geografia (1956-1957), integrada por AROLDO DE AZEVEDO (presidente e relator feral), ARY FRANÇA, DIRCEU LINO DE MATTOS, FERNANDO FLAVIO MARQUES DE ALMEIDA E VALDEMAR LEFÈVRE. Aí, ao lado de uma exaustiva bibliografia das fontes antigas e modernas da Geografia de São Paulo, catalogadas segundo os setores essenciais das ciências da terra e do homem, figura uma síntese sobre A situação atual do conhecimento geográfico do Estado de São Paulo, onde se encontram elementos para a avaliação do que se fez e do que resta fazer para o melhor conhecimento geográfico da terra bandeirante. Existe ainda um pequeno estudo sobre *A Geomorfologia no Brasil* (1958), de AZIZ AB'SÁBER, onde são alinhadas achegas para a compreensão da evolução daquele importante setor dos estudos de Geografia Física, entre

nós, havendo referências aos trabalhos dos pesquisadores paulistas. Por último, cumpre lembrar, que no número 30 do “Boletim Paulista de Geografia”, figura um índice remissivo de todo o material contido naquela importante revista, que através de dez anos de publicação ininterrupta tornou-se o órgão por excelência da Geografia paulista, debaixo da criteriosa supervisão de AROLDO DE AZEVEDO.

Para quem queira, sem maior perda de tempo, se pôr a par da verdadeira marcha da Geografia em terras Paulistas, nesses últimos vinte e cinco anos, indispensável se torna a leitura dos ensaios e relações bibliográficas acima nomeados, já que aí, na linguagem enxuta das bibliografias especializadas e nas considerações históricas de alguns daqueles que assistiram ao desenrolar dos acontecimentos, existem elementos objetivos para se avaliar a trajetória da Geografia científica em nosso País e o verdadeiro significado da Universidade de São Paulo para a inauguração da fase contemporânea da Geografia Brasileira.

#### A Geografia e a revolução universitária paulista

É hoje do domínio comum, que a fase contemporânea da Geografia-ciência no Brasil teve como marco inicial, incontestável, a fundação em 1934, do curso de Geografia e História na Faculdade de Filosofia, Ciência e Letras da Universidade de São Paulo. Aí graças ao dinamismo e aos esforços de PIERRE DEFFONTAINES, e, posteriormente, por longos anos, graças à obra de PIERRE MONBEIG, foi implantada a Geografia moderna, através dos melhores princípios metodológicos e sob o signo das pesquisas diretamente feitas sobre o terreno.

Aroldo de Azevedo, em seu estudo sobre A Geografia em São Paulo e sua evolução, após tecer judiciosas observações em torno do controvertido problema da busca de critérios, tomou o ano de 1934 como o *divortium aquarum* de duas grandes épocas da Geografia bandeirante. Em seu trabalho existem documentos para se avaliar o que era a Geografia em São Paulo, o que torna esta parte de seu estudo essencial para os que queiram tomar conhecimento do assunto. São observações suas: “O ano de 1934 tem significado muito grande para a Geografia em nosso Estado porque registrou, quase simultaneamente, dois acontecimento decisivos: a instalação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo e a fundação da Associação dos Geógrafos Brasileiros”. Sobre essa agremiação, que hoje congrega todos os geógrafos militantes do País, aquele autor alinha observações esclarecedoras, colocando nos devidos termos sua grandiosa colaboração para o desenvolvimento das pesquisas geográficas em São Paulo e no Brasil.

Identicamente, JOSÉ VERRÍSSIMO DA COSTA PEREIRA, a quem coube fazer o mais completo e aprofundado estudo sobre A Geografia do Brasil, tece considerações extremamente honrosas e justas sobre o significado histórico e cultural da Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo para o desenvolvimento daquilo que ele denominou a época contemporânea da Geografia Brasileira. São palavras suas: “À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, fundada em 1934, coube iniciar a grande missão de preparar professores para o curso secundário, e, concomitantemente, encaminhar seus alunos para a pesquisa geográfica de campo. Foi, assim, a pioneira e, historicamente, a maior responsável pelo desenvolvimento das investigações e estudos geográficos na fase contemporânea.

Ao término do ano de 1959, FUNCIONAM CURSOS SUPERIORES DE Geografia em nove das diversas Faculdades de Filosofia existentes no Estado de São Paulo (Faculdade de Filosofia,

Ciências e Letras da U.S.P.; Faculdade de Filosofia “Sedes Sapientiae”; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Campinas; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente; Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras “Sagrado Coração de Jesus”, de Bauru; e Faculdade de Filosofia de Lins). Frequentavam os cursos especializados em ciências geográficas mantidos por estas escolas algumas centenas de jovens paulistas. Tais alunos, por seu turno, se congregam em uma série de centros de estudos geográficos, no seio dos quais impera um grande idealismo e uma enorme vontade de colaboração. Funcionavam, até fins de 1959, seis desses centros, aos quais muitas vezes se deram nomes muito significativos, em homenagem a grandes geógrafos: Centro de Estudos Geográficos “Vidal de La Blache” (Campinas), Centro de Estudos Geográficos “Emmanuel De Martonne” (Sorocaba), Centro de Estudos Geográficos “Aroldo de Azevedo” (Bauru), Centro de Estudos Geográficos “Capistrano de Abreu” (U.S.P.), Centro de Estudos Geográficos “Sedes Sapientiae” (“Sedes”, SP), Centro de Estudos Geográficos de São Bento (“São Bento”, SP). Por outro lado, três das nove Faculdades possuidoras de cursos de Geografia mantêm Departamentos organizados (U.S.P, São Bento e Campinas).

Nos últimos anos, graças à multiplicação dos contatos pessoais entre os membros desses diferentes centros de alunos, foi possível uma colaboração mais efetiva e um conhecimento mútuo dos problemas, equipamentos e necessidades específicos de cada um deles. Criou-se uma nova tradição de reuniões acadêmicas inter-universitárias, exclusivamente dedicadas a assuntos geográficos (I Reunião Inter-universitária de Geografia, reunida em Campos do Jordão em outubro de 1958, e II Reunião Inter-universitária de Geografia, reunida em Poços de Caldas, em setembro de 1959).

Tais reuniões, que de certa forma deram continuidade a uma reunião isolada de iniciativa da Faculdade de Filosofia de Sorocaba (I Semana de Estudos Geográficos de Sorocaba, em setembro de 1955), têm se prestado admiravelmente ao intercâmbio universitário entre aqueles que se iniciam nas lides da velha disciplina, sempre renovável, útil e indispensável à Humanidade.

#### A participação dos paulistas nos congressos científicos

Um dos pontos altos das atividades dos geógrafos paulistas, no afã de divulgar sua ciência, foi sua participação ativa e ação de presença constante nos congressos, reuniões e assembleias de âmbito nacional ou regional. Nessas ocasiões, havia a necessidade de fazer pregações, dar exemplos concretos e fiscalizar discretamente as louvaminhas mútuas dos velhos mentores, cientificamente fossilizados.

Nesse sentido, dificilmente se poderá avaliar vem o verdadeiro teor das dificuldades enfrentadas para implantar a Geografia moderna em nosso País. Houve a necessidade de reeducar muita gente, colocar alguns cidadãos em seus verdadeiros lugares e esgrimir sistematicamente contra aqueles que, sem ter o competente valor, ocupavam posições-chaves, altamente nocivas aos destinos da ciência geográfica. Muitas vezes, mais do que um simples conflito de gerações, tratava-se de um conflito de mentalidades que se distanciavam no tempo por mais de um século de separação, quer no plano metodológico, quanto no plano científico. Note-se que as primeiras vitórias efetivas foram obtidas em pleno seio dos congressos de velho estilo, tendo os mais jovens conseguido impor seu valor, suas idéias e seus métodos, inegavelmente mais arejados, através memoráveis jornadas. Seria injusto deixar de referir o papel histórico representado pelos IX, X e XI Congressos Brasileiros de

Geografia, realizados respectivamente em Florianópolis (1940), Rio de Janeiro (1944) e Porto Alegre (1954). No primeiro deles, o grupo paulista, sob a orientação de PIERRE MONBEIG, teve uma atuação científica impar, servindo de arautos da nova ciência e fiscalizando com severidade exigida a ação dos falsos profetas que, sem ter a necessária formação e vocação científicas, quiseram se guindar à posição de líderes. Em Florianópolis, os paulistas deram o primeiro passo na direção da Geografia Urbana moderna e fizeram, à custa de exemplos sugestivos, a boa propaganda da Geografia de campo. No Rio de Janeiro, continuaram a obra iniciada em Santa Catarina, posto que debaixo de uma atuação mais discreta, sendo substituídos pelos seus bons colegas cariocas na árdua tarefa de reeducar os enciclopédicos e rabugentos mentores da velha "Geografia". E, finalmente, em Porto Alegre, quando por um desses incríveis eventos, toda uma instituição técnico-científica do governo brasileiro prestigiava um congresso de organização arcaica e obsoleta, um pequenino grupo de geógrafos paulista, fieis aos seus princípios metodológicos e científicos, soube recolocar os problemas, consolidar o prestígio de seu campo científico e demonstrar, com energia e educação, os seus princípios e propósitos. Historicamente, o Congresso Brasileiro de Geografia de Porto Alegre foi o canto de cisne da velha e retrógrada Geografia em nosso País, ainda que realizado em ambiente solene e festivo, sem ódios e ressentimentos insuperáveis.

Entretanto, a grande atuação paulista, fora do plano da derruba dos deuses de barro e da fiscalização dos líderes empafados, se desenvolveu normalmente e à vontade, à custa de muito trabalho e pouca solenidade, no decorrer das catorze assembleias realizadas pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, a partir das reuniões de São Paulo (1945) e Lorena (1946). Os ecos da participação e presença dos geógrafos paulistas nas memoráveis peregrinações geográficas de Goiânia (1948), de



Belo Horizonte (1950), de Nova Friburgo (1951), de Campina Grande-João Pessoa (1952), de Cuiabá (1953), não se extinguirão com facilidade. Dir-se-ia que, aos poucos, a atuação e a capacidade produtiva do grupo paulista nas assembleias mais recentes se arrefeceu. Seria bom lembrar, entretanto, que este fato apenas documenta o notável desenvolvimento do progresso que a Geografia científica no Brasil vem assistindo fora de São Paulo, graças exatamente àqueles esforços pioneiros, desenvolvidos entre 1934 e 1953. Não foi São Paulo que perdeu seu nível e rebaixou seus padrões, mais foram outros grupos que conseguiram se elevar a planos iguais ou superiores aos de muitos paulista, sobretudo no Rio de Janeiro, em Recife e na Bahia. E, neste sentido, só quem pode estar de parabéns é o próprio movimento geográfico e científico brasileiro.

Por último, não poderíamos deixar de nos referir ao I Congresso Brasileiro de Geógrafos, reunido na cidade de Ribeirão Preto (julho de 1954), organizado pelo grupo paulista em homenagem ao IV centenário da fundação da cidade de São Paulo. É de se notar que esta grande e festiva reunião congregou a maior parte dos profissionais e professores de Geografia do País, numa belíssima demonstração de unidade e vitalidade.

### O caráter nacional da produção geográfica paulista

O que torna sobremaneira representativa a contribuição da Universidade de São Paulo no domínio da Geografia do Brasil é o caráter extra-estadual das pesquisas desenvolvidas pelos seus membros, os quais já palmilharam o território brasileiro da Amazônia ao Rio Grande do Sul, tendo realizado observações de igual validade científica, tanto no Nordeste Brasileiro, como no

Brasil Sudeste e em terras de Mato Grosso e Goiás, assim como nas ilhas oceânicas brasileiras, à velha moda bandeirante. Não existindo ainda um Instituto de Geografia na Universidade de São Paulo, especificamente destinado a amparar e fomentar a pesquisa, tudo o que se tem feito, em grande parte dependeu da iniciativa própria de um grupo de abnegados, que não mediram sacrifícios para produzir e enriquecer a bibliografia geográfica brasileira. É um pouco triste confessar que os geógrafos paulista trabalham a despeito da absoluta falta de amparo à pesquisa, realizando a maior parte de suas viagens, à custa de seus próprios e minguados recursos, subvencionando suas pesquisas desde os filmes que compram e aparelhos de que necessitam, até, em casos especiais, pagando a feitura de seus mapas e “croquis”, assim como a datilografia dos textos originais de seus trabalhos. Alguns, por outro lado, deram o melhor de suas energias e de sua mocidade para o ensino e a pesquisa, lutando contra malfadada e sempre presente maré do desestímulo, e se sujeitando às rivalidades naturais surgidas dos que nada fazem e tudo procuram entrar.

No que concerne aos trabalhos de maior fôlego, os geógrafos paulista têm voltado suas vistas para o território bandeirante, redigindo teses de doutorado e de cátedra, as quais aos poucos estão fazendo a cobertura geográfica do Estado. Realmente, salvo o caso do estudo de RENATO SILVEIRA MENDES sobre as Paisagens culturais da Baixada Fluminense (1948), as outras teses de doutorado referem-se todas ao território paulista (MARIA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO, Santos e a geografia humana do litoral paulista (1944); ARY FRANÇA, Estudo sobre o clima da região de São Paulo (1945); JOÃO DIAS DA SILVEIRA, Estudo geográfico dos contrafortes ocidentais da Mantiqueira (1946); NICE LECOCQ MÜLLER, Sítios e sitiantes no Estado de São Paulo (1946); JOSÉ RIBEIRO DE ARAUJO FILHO, A baixada do rio Itanhaém: estudo de geografia regional (1950); ELINA DE OLIVEIRA SANTOS, A industrialização de Sorocaba: bases geográficas (1951); AZIZ NACIB AB'SÁBER, Geomorfologia do

sítio urbano de São Paulo (1956). Por outro lado, três teses de cátedra enriqueceram a contribuição dos membros do Departamento de Geografia à Geografia paulista: Subúrbios orientais de São Paulo, de AROLDO DE AZEVEDO (1945), Baixadas litorâneas quentes e úmidas, de JOÃO DIAS DA SILVEIRA (1950), e A Ilha de São Sebastião: estudo de Geografia humana (1951), de ARY FRANÇA. DIRCEU LINO DE MATTOS, conseguiu o título de livre-docente, através sua tese sobre Vinhedos e viticultores de São Roque e Jundiá: estudo de Geografia humana.

Das grandes obras germinadas no ambiente da Universidade de São Paulo destacam-se dois empreendimentos levados avante graças ao espírito de organização e à operosidade de AROLDO DE AZEVEDO: A cidade de São Paulo: estudos de Geografia urbana, em quatro volumes, e uma grande Geografia do Brasil, em preparação, comportando diversos volumes. Tais contribuições, a primeira das quais já lançada a público, constituirão o melhor do grande edifício bibliográfico que os geógrafos da Universidade de São Paulo puderam dar à Geografia Brasileira nesses últimos anos. Cumpre destacar, ainda, a colaboração dos geógrafos paulistas ao simpósio do Conselho Nacional de Geografia, intitulado Aspectos geográficos da Terra Bandeirante, assim como os trabalhos que figuram na obra Condições geográficas e aspectos geo-econômicos da Bacia do Paraná-Uruguai, elaborada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros, sob a direção de DIRCEU LINO DE MATTOS, em 1955. A colaboração paulista por ocasião da realização do XVIII Congresso Internacional de Geografia (Rio de Janeiro, 1956), se fez sentir nos mais diversos setores, quer através a feitura de dois livros-guias de excursão (ARY FRANÇA, A rota do café e as frentes pioneiras, e, AZIZ AB'SÁBER e NILO BERNARDES, Vale do Paraíba. Serra da Mantiqueira e arredores de São Paulo), assim como através da ajuda para a organização da grande reunião, direção de excursões, apresentação de teses e participação nos debates das sessões plenárias. Por essa época,

foi lançado um numero especial comemorativo do “Boletim Paulista de Geografia” (julho de 1956), dedicado ao Congresso Internacional do Rio de Janeiro, no qual foi esboçada uma espécie de geografia do Estado de São Paulo (A Terra Paulista, AZIZ AB'SÁBER; O Homem Paulista, PASQUALE PETRONE; e o Café, riqueza paulista, JOSÉ RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO).

É de se notar que alguns dos ex-alunos dos cursos de Geografia e História e Geografia da Faculdade de Filosofia da U.S.P. ocupam hoje cargos de professores em outras faculdades paulistas, da Capital e do Interior (JOAQUIM FONSECA, MARIA DA CONCEIÇÃO VICENTE DE CARVALHO, ANTÔNIO ROCHA PENTEADO, RENATO SILVEIRA MENDES, ÉLI PICOLO, PASQUALE PETRONE, AZIZ AB'SÁBER, GERSON COSTA, LUIZ MELO RODRIGUES, WANDA DA MOTA NAVARRA, ODILON NOGUEIRA DE MATOS, WANDA DE CAMPOS TOURINHO, HILTON FEDERICI, DÉCIO NOGUEIRA DE MATOS, JOSÉ DOMINGOS TIRICO, AUGUSTO TIRARELLI, ALVANIR DE FIGUEIREDO e ARMEN MAMIGONIAN, entre outros). Desta forma, fez-se uma expansão dos métodos de ensino e pesquisa, inicialmente restritos apenas aos quadros da Faculdade.

### Os veículos da produção geográfica paulista

Duas publicações geográficas, modernas pelo seu espírito e pelo caráter de suas colaborações, serviram de órgãos de divulgação para a primeira geração de estudiosos de Geografia que gravitaram em torno da recém-criada Universidade de São Paulo, ambas publicadas sob os auspícios da Associação dos Geógrafos Brasileiros: entre 1935 e 1936, a revista Geografia, e, entre 1941-1944, o Boletim da Associação dos Geógrafos Brasileiros. Pouco depois, com a ampliação da A.G.B. para entidade de âmbito nacional, tais publicações cederam lugar a

outras, num desdobramento racional, ficando a cargo dos Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros a publicação dos trabalhos e relatórios apresentados às assembléias gerais da entidade, enquanto cada seção regional da mesma ficou com liberdade para lançar um boletim especializado. Nasceu nesta oportunidade o Boletim Paulista de Geografia, cujo primeiro número surgiu em março de 1949, tendo saído com regularidade até nossos dias, num total de 33 números publicados.

A Faculdade de Filosofia, por seu turno, a partir de 1944, iniciou uma série de boletins para a seção de Geografia, os quais recebem um numeração geral da Faculdade e, uma outra, específica, referente às teses de doutoramento e de cátedra, assim como os principais ensaios de maior fôlego, preparados pelos membros do Departamento de Geografia daquela Faculdade. Identicamente, as faculdades particulares do Estado de São Paulo têm dado asilo aos trabalhos geográficos em seus anais e revistas, contribuindo na medida de suas forças para enriquecer a bibliografia especializada. Na Faculdade de Filosofia de Campinas, por outro lado, foi criada uma pequenina publicação intitulada *Notícia Geomorfológica*, destinada à notícia e à crítica da produção geomorfológica brasileira. Estas, as principais vias de divulgação com que contam mais à mão os geógrafos paulistas, para publicar suas pesquisas e tornar conhecida sua ciência.

Enquanto a produção científica até 1943 estava inteiramente nas mãos de especialistas estrangeiros, tais como PIERRE MONBEIG, PIERRE DEFFONTAINES, PRESTON E. JAMES, ou de especialistas de ciências vizinhas, tais como LUIS FLORES DE MORAES REGO, RUBENS BORBA DE MORAES, SÉRGIO MILLIET, JOSÉ SETZER e CAIO PRADO JÚNIOR (que posteriormente se fixou no campo da História), a partir de 1944 foram aparecendo os primeiros nomes de geógrafos paulistas nas revistas e publicações seriadas: AROLDO DE AZEVEDO, ARY FRANÇA, JOÃO DIAS DA SILVEIRA, FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA, RUY OZÓRIO

AZIZ AB'SÁBER

DE FREITAS, JOSÉ RIBEIRO DE ARAÚJO FILHO, NICE LECOCQ MÜLLER, entre outros. E, mais tarde, com a fundação do Boletim Paulista de Geografia, a lista aumentou um pouco mais, já que apareceram trabalhos de RENATO SILVEIRA MENDES, AZIZ AB'SÁBER, ANTÔNIO ROCHA PENTEADO, PASQUALE PETRONE, DIRCEU LINO DE MATOS, CARLOS BORGES SCHMIDT, JOÃO SOUKUP, ODILON NOGUEIRA DE MATOS, ELINA DE OLIVEIRA SANTOS, OLAVO BATISTA FILHO, JOSÉ DOMINGOS TÍRICO, entre outros.

Pela sua presença assídua nas revistas especializadas, assinando artigos do mais alto valor científico, destacam-se apenas dois grandes nomes de pesquisadores não filiados à Faculdade de Filosofia: FERNANDO FLÁVIO MARQUES DE ALMEIDA e JOSÉ SETZER, o primeiro no setor da geomorfologia e o segundo no campo da pedologia. Entre os paulistas, cuja formação e principal atuação científica se desenvolveram fora de São Paulo, destacam-se os nomes e os trabalhos de NILO BERNARDES, DORA AMARANTE ROMARIZ e ELZA COELHO DE SOUZA KELLER. A Associação dos Geógrafos Brasileiros muito deve a esses cinco elementos que, pela sua produção especializada, conseguiram enriquecer a geografia de São Paulo e do Brasil e elevar o conceito e o prestígio da ciência desenvolvida pelos paulistas.

### Considerações finais

Em uma verdadeira Universidade, cujas portas ficam abertas a todas as correntes de idéias, tendo a obrigação de dar oportunidades iguais a todos aqueles que para ela acorrem, nem tudo pode ser perfeito e superior, como à distancia habitualmente se pensa. Ao contrário, um instituto de nível superior em formação, ou mesmo já formado (o que são 25 anos na história de uma Universidade!...), é um mero resumo da sociedade e

dos agrupamentos humanos que o envolvem e, às vezes, o sufocam. Desta forma, o material humano que rege os seus destinos e garante sua continuidade está sujeito às mesmas situações psicológicas e às mesmas diferenças de gênio e temperamento que caracterizam o ser humano. O que interessa destacar não é a existência de uma porcentagem de pessoas menos bem dotadas de qualidades intelectuais ou de mediocridades burocratizadas, mas é, sobretudo, o fato de essas humildes personalidades não poderem com sua inércia e com seu reacionarismo estancar a produtividade da minoria operante. Entre nós, o grande segredo e o grande milagre da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo residiu nesta verdade incontestável: os valores negativos que porventura nela existam ou existiram, qualquer que seja sua porcentagem, nada puderam fazer para derruir o grande edifício, enodoar o espírito que anima as suas gerações mais representativas ou diminuir a marcha da sua produção científica. Na grande Escola, há toda uma legião de adultos de espírito moço e renovador, de idades as mais diversas, que trabalhando lado a lado com os mais jovens e menos experientes, se encarregaram de colocar a pira da cultura universitária paulista em um nível que permanece a escapa das manobras rasteiras dos reconhecidamente incapazes e inoperantes. Inútil é dormir sobre os louros das primeiras vitórias, porque muito resta a fazer, nos mais diversos setores desse excepcional estabelecimento de ensino, que, por si só, foi capaz de realizar uma revolução branca na história da cultura científica dessa parte da América.

## CUIABÁ, 1953

Acervo CAPH/FFLCH-USP



Instalação solene da Assembléia Geral da AGB no Colégio Estadual de Cuiabá. Dentre os presentes estão: (2ª fila, da esq. para dir.) Pasquale Petrone, Aroldo de Azevedo, Nice Lecocq Müller, Ary França, Aziz Nacib Ab'Sáber; (1ª fila, esq. para dir.) Ely Goulart